

CARAMBAIA

Ivan Klíma

Amor e lixo

ilimitada

Tradução
ALEKSANDAR JOVANOVIĆ

Conversa com o autor por
PHILIP ROTH

Amor e lixo

7	Capítulo 1
59	Capítulo 2
119	Capítulo 3
161	Capítulo 4
201	Capítulo 5
217	Observação do autor
	• • •
219	Conversa em Praga com Ivan Klíma, por Philip Roth

Os personagens que aparecem neste texto, incluindo o narrador, não têm semelhança com nenhuma pessoa viva.

1

A senhora, no escritório, mandou-me ao vestiário, para aguardar ali. Atravessei então o pátio até a porta na qual se indicava que os armários ficavam naquele lugar. O escritório era cinzento e sombrio, o pátio também; no canto, estavam amontoados tijolos quebrados, entulho, alguns carrinhos de mão, lixeiras rotas, e nem um traço de verde em lugar algum. O vestiário pareceu-me ainda mais sombrio. Sentei-me no banco sob a janela que se abria para o tétrico pátio e segurava uma pequena pasta de couro; nela eu colocara três pequenas fogaças para lanche, um livrinho e uma caderneta na qual eu fazia anotações quando me ocorria algo a respeito do que estava escrevendo. Por sinal, naquele momento eu finalizava um ensaio sobre Kafka.

No vestiário já estavam sentados dois homens. Um, encapecido, magro, lembrava-me o catedrático que, muitos anos antes, extraíra minhas amígdalas; o outro, gorducho, rude, baixinho, de idade indeterminada, com calças muito sujas, puídas, largas, que chegavam até a metade da panturrilha, bolsos semelhantes a coldres de pistola disformes, costurados por fora, tinha na cabeça um quepe azul de capitão com pala no qual reluzia uma âncora dourada. Sob a pala encaravam-me olhos curiosos da cor de águas costeiras.

Aqueles olhos, ou melhor, o olhar parecia conhecido. O homem, evidentemente, sabia que eu era recém-chegado e aconselhou-me a pôr minha identidade sobre a mesa. Escutei-o; ele pôs também a sua e foi quando percebi que lhe faltava a mão direita, da manga pendia um gancho negro.

E começaram a chegar meus novos colegas de trabalho. Sentou-se a meu lado o jovem gordo idiotinha com um coete no rosto, tirou do armário um par de botas de cano alto sujas, virou-as ao contrário e, de pronto, de uma delas escorreu uma quantidade de líquido que, apenas no melhor e menos provável caso, teria vindo do encanamento de água, e ele, de imediato, começou a gritar palavras das quais eu não conseguia reconhecer nem uma única sequer.

Não tenho muita certeza do que me fez experimentar esse ofício pouco sedutor. É provável que eu imaginasse encontrar uma nova perspectiva da qual o mundo poderia ser visto de modo inesperado. É frequente o pensamento de que, se não observamos as pessoas ou o mundo de um lugar distinto, o hábito nos dessensibiliza.

Estava aguardando o que aconteceria e de repente me senti como quinze anos antes, quando devia voltar para casa após minha estada na América, e o reitor organizara um jantar em minha homenagem. Ele era matemático, homem rico. Tinha uma manada de cavalos e uma casa requintada no estilo de palacete de caça. Eu o vira antes uma única vez e não queria comparecer ao jantar: muita gente desconhecida causa-me depressão. E quem eu poderia conhecer, se lecionei na universidade apenas por meio ano? Entretanto, todos se mostraram gentis e sorridentes, à moda americana, e com crescente insistência pediram-me que explicasse por que eu desejava deixar o país livre e rico deles para voltar a um lugar pobre e sem liberdade, onde era provável que me trancassem e enviassem para a Sibéria. Fiz o possível para também ser polido. Imaginei alegar desde patriotismo até alguma missão, algo que me parecesse óbvio. Disse que em meu país as pessoas me conheciam. Mesmo que tivesse de varrer o lixo das ruas, seria quem eu queria ser, um escritor, enquanto aqui, mesmo que eu continuasse dirigindo meu Ford, continuaria sendo apenas um dos imigrantes de quem o grande país teve misericórdia. Isso foi só para me gabar. Na verdade, eu queria voltar para casa, onde moravam pessoas que me eram próximas, onde eu pudesse falar, ouvir, de modo fluente, minha língua materna.

Pois bem, eu sabia que, se varresse ruas, para a maioria das pessoas seria apenas alguém que varre as ruas, ou seja, um gari, que mal é notado.

Naquele instante, apareceu no vestiário primeiro a mulher. Era elegante, seus quadris estreitos davam forma ao jeans. O rosto era moreno e enrugado como o das velhas índias no mercado em Santa Fé. Lá uma delas, a mais idosa e a com traços mais indígenas, pôs em cima do balcão, na minha direção, uma placa que revelava que o nome de batismo daquela *squaw*¹ era Vênus. Essa sra. Vênus nem se sentou, tirou da bolsa um maço de Start e, ao acender, percebi que seus dedos tremiam. O fósforo apagou antes que o cigarro acendesse, e Vênus o amaldiçoou por isso. Sua voz de ébria era tão profunda e rouca, e a entonação correspondia tão bem à sua aparência, que as atrizes principais dos melhores teatros, se tivessem de interpretar mulheres do povo, poderiam ter aulas com ela.

Chegaram ainda alguns rapazes envelhecidos e desajeitados, e no fundo um homenzinho gordo, de olhar astuto, começou a trocar de roupa. Tinha seu armário aqui, assim como o idiotinha a meu lado. Retirou um macacão cinza-esverdeado.

Pontualmente às seis horas, chegou a senhora do escritório e leu o nosso nome, o daqueles que deveriam limpar o nosso setor da cidade. Primeiro leu o nome dos que deveriam pôr sinalização de trânsito, depois dos três que deveriam limpar as lixeiras públicas. Por fim, entregou ao gorducho de macacão uma folha de papel indicando que o grupo seria formado por Zoulová, Pinz, Rada, Štych e, por último, leu meu nome também. Ao mesmo tempo, pôs diante de mim o uniforme laranja de gari. Peguei de imediato, circudei a mesa e escolhi o armário mais próximo do canto. Abri a portinha na qual estava escrito com giz “*Bui dinh Thi*”, tirei da bolsa os documentos, os pãezinhos, o livrinho e a caderneta de anotações, enfiei tudo no bolso e fechei o armário de novo.

1 Em inglês, no original. O termo *squaw* é usado nos Estados Unidos para designar mulheres indígenas e pode ser empregado com sentido depreciativo. [TODAS AS NOTAS SÃO DO TRADUTOR.]

Fomos todos para o pátio inóspito, onde agora chegavam furegos fazendo barulho e dois jovens jogavam pás, vassouras, ancinhos, carrinhos, sinais de trânsito e latas de lixo velhas em uma carreta. Faltavam quinze para as seis da manhã e foi só então que percebi a extensão do dia que tinha pela frente.

O homem de macacão, obviamente designado como nosso supervisor, caminhou até o portão, e na multidão de varredores voluntários viam-se quatro figuras e ali a única mulher ao lado de um jovem de rosto pálido que carregava uma grande mochila pendurada no ombro, além do homem que me lembrava o professor de otorrinolaringologia e ainda o sujeito com chapéu de marinheiro. Essas pessoas pareciam-me estranhas e distantes, a exemplo do trabalho que eu executaria; apesar disso, avancei junto, no passo deles, como se estivesse em um cortejo fúnebre. Em uniformes laranja, caminhávamos com dignidade pelas ruas de Nusle², pessoas à nossa volta apressavam-se para ir ao trabalho; não tínhamos pressa, pois já estávamos trabalhando.

Raras vezes estive em tal posição; na maior parte da vida, corri obcecado com o pensamento do que deveria fazer se quisesse escrever bem. Desde a infância queria tornar-me escritor, e a profissão de literato, por muito tempo, pareceu-me algo sublime. Acreditava que o escritor deveria ser sábio como um profeta, puro e invulgar como um santo e habilidoso e corajoso como um acrobata sobre o trapézio. E, apesar de saber que não existem profissões eleitas, e que sabedoria, pureza, singularidade, audácia e habilidade em uma pessoa podem emergir como loucura, ignomínia, mediocridade e futilidade em outra, essa ideia antiga ficou presa no meu consciente e subconsciente e talvez seja por isso que eu tenha medo de designar-me por esta palavra: escritor. Quando sou interrogado sobre minha profissão, procuro evitar a resposta. Além disso, quem pode afirmar a seu próprio respeito que é escritor? No máximo, pode declarar: escrevi livros. De vez em quando, ocorre-me que nem consigo definir com exatidão o objeto de meu trabalho, o que de fato distingue a verdadeira literatura da mera escrita, algo de que qualquer um, afinal de contas, é capaz, até

2 Bairro de Praga, localizado no sul da cidade.

mesmo quem nunca foi à escola, um local onde lhe ensinassem as letras. Agora poderia desfrutar da caminhada preguiçosa tranquilizando-me por ter conhecimento exato do que se esperava de mim. Passamos devagar pela Comissão Nacional, pelo prédio do Supremo Tribunal e chegamos diante da antiga sede do Sokol³, onde já nos aguardavam nossos utensílios: vassouras, pás, ancinhos e um carrinho que consistia de meia lata de lixo. Para mostrar boa vontade, peguei a maior pá.

Na infância, eu morava nos arredores de Praga, em um local próximo ao aeroporto de Kbely, numa quinta vizinha a uma taberna. Antes do meio-dia, chegava um gari municipal. Parava com o carrinho no espaço em que eram deixados os cavalos, retirava a pá e com um gesto quase solene varria os dejetos dos animais, de modo alternado com outras imundícies, jogava no pequeno veículo, empurrava-o até a parede e dirigia-se à taberna. Agradava-me: ele usava um boné com pala, não de capitão, e tinha um bigode torcido para cima em memória de nosso último imperador. Também gostava de seu trabalho, que eu achava ser com certeza um dos serviços mais importantes que um homem podia ter, acreditando, portanto, que os varredores de rua mereciam o respeito de todo mundo. Na verdade, era bem o oposto. Aqueles que limpavam o lixo e os ratos do mundo jamais eram notados. Há pouco tempo li que, duzentos anos atrás, um estucador desprezado que retalhou, a faca, a imagem de São Jorge na igreja – boca e ombros, inclusive – foi preso por isso e enviado ao cadafalso. Obteve clemência, mas como punição precisou varrer as ruas durante três anos. Tinha crédito apenas os que limpavam a terra do lixo humano, fossem eles esbirros, magistrados ou inquisidores.

Quando, há vinte anos, redigi um conto a respeito de como sacrificavam cavalos, usei imaginar uma cena apocalíptica de incineração de dejetos. Tentei visitar o incinerador de Praga que, ainda menino, via queimar à distância e transformar-se em um único colossal torresmo, mas o diretor recusou minha entrada. É possível que tivesse medo de que eu revelasse algumas deficiências de seu incinerador.

3 Organização de ginástica para todas as idades, fundada em 1862.

Muitos anos depois, quando eu trabalhava no serviço de limpeza do hospital de Krč⁴, todas as manhãs levava o lixo para o grande forno: ataduras ensanguentadas, gaze cheia de pus, pelos, cabelos, trapos sujos que cheiravam a fezes humanas, e ainda um monte de latas, vidros quebrados e plástico. Jogava tudo no forno com a pá e observava com alívio como tudo se retorcia em espasmos nas labaredas, ouvia como o vidro se rompia, estourava, e como o fogo rugia triunfante. Certa vez – nunca pude desvendar a razão, se o fogo estava forte demais ou, pelo contrário, era débil ou então se o vento é que era o culpado – os detritos não queimaram, mas a corrente de ar na fornalha os sugou e os cuspiu para o céu pelo orifício da chaminé alta; perplexo e tenso, assisti a como todo o meu lixo – trapos, papéis e bandagens ensanguentadas – caía no chão, pendurando-se nos ramos das árvores e o que por sorte passava deslocava-se para as janelas abertas dos pavilhões. E, naquele momento, os estúpidos e imbecis do Instituto de Assistência Social, responsáveis pela direção do estacionamento do hospital, zurravam com entusiasmo e apontavam para o alto abeto prateado então adornado como uma árvore de Natal.

Ocorreu-me que aquilo que acontecera consistia precisamente em uma demonstração evidente de fatos cotidianos. Matéria alguma desaparece; no máximo, pode mudar de aparência. O lixo é imortal: flui pelo ar, incha na água, dissolve-se, apodrece, transforma-se em gás, fumaça, fuligem, viaja pelo mundo e subjuga-o de modo paulatino.

Começamos na rua Lomnického; nossa Vênus, que pelo visto se chamava Zoulová, empunhava a vassoura, era ajudada pelo homem com quepe de capitão, que na maior parte do tempo mastigava em silêncio e cuspiu a saliva que espumava de tempos em tempos. Varriam até minha pá uma pequena pilha e eu atirava a imundície na lata de lixo no carrinho. Quando a lixeira estava cheia, nós a virávamos ao contrário e despejávamos tudo na calçada, em uma pilha; depois ali o caminhão poderia recolher e levar. Era assim que demarcávamos nosso caminho

4 Distrito no sul de Praga.

em direção a Vyšehrad⁵. Eu olhava a copa colorida das árvores, que acenavam para mim de longe, ainda que ninguém me esperasse sob elas, ainda que ela não me estivesse aguardando mais. Digo somente ela, em espírito, na maioria das vezes não a nomeio. Nomes são manuseados e desgastam-se, assim como as palavras afetuosas. Por vezes, cá com os meus botões, eu a chamava de pitonisa. Ela costumava predizer o futuro das pessoas e parecia-me perita nisso, estava rodeada de mistério, o que a tornava mais bela. Ao ser batizada, deram-lhe o nome de Daria.

Não consegui lembrar se alguma vez havíamos estado ali juntos; nossos encontros ao longo daqueles anos fundiram-se – os anos se empilhavam como na canção sobre o trabalho do camponês. Conheci-a ainda um ano antes daquilo. Fora visitar um amigo que morava em um trailer, onde ele estudava para tornar-se assistente de geólogo. Chamou-me atenção uma escultura pequena cuja extravagância destoava do ambiente austero do veículo. O amigo, que pouco tempo antes escrevia críticas sobre artes plásticas, falou-me por um instante a respeito da artista cujo mundo estendia-se pelas fronteiras de sonhos, loucuras, paixões e ternura. Disse-me que uma visita ao ateliê dela fazia parte de uma experiência intensa, e tomei nota do endereço no bloquinho. Lembrei-me daquele endereço quando procurava um presente para o aniversário de minha mulher.

O ateliê ficava em um pequeno sótão abobadado de uma casa em Malá Strana⁶. Um terço do espaço era tomado por estantes de madeira com esculturas.

Ela me recebeu com cortesia e conversou um pouco comigo, falou até mesmo a respeito de sua filhinha e perguntou o que fazíamos, eu e minha mulher. Mas interpretei seu interesse pelo fato de eu ter ido lá na condição de cliente.

Movimentava-se com agilidade entre as estantes. Enquanto caminhava, em suas longas saias ondulavam olhos e lábios, exemplares de olhos castanhos e lábios encarnados. Seus olhos eram azuis e os lábios, bastante pálidos. O que aconteceria se a abraçasse entre as estantes? Mas eu sabia que não faria isso.

5 Forte do século X, a sudeste do castelo de Praga.

6 Distrito no sul de Praga.

Comprei um pássaro com pescoço fino sobre o qual pousava uma cabecinha angulosa e havia nela pícaros olhinhos humanos. Ela embrulhou o presente em papel de seda e acompanhou-me até a porta. E não nos vimos por muitos meses. Mas, na véspera de meu 47º aniversário, ela apareceu inesperadamente em casa: precisava pegar sua escultura emprestada para uma exposição em Budapeste. Convidei-a para entrar e apresentei-a à minha mulher, que ficou contente em conhecê-la. Sentamos os três em meu escritório. Lída, que gosta de deixar as pessoas felizes, elogiou a escultura.

Bebemos vinho, minha mulher e eu, para sermos polidos. Daria entretinha-se e nos contava sobre sua futura exposição e, depois, suas viagens. Rememorava o Camboja, que visitara outrora, falava daquele país como de um Jardim do Éden de pessoas felizes e inocentes – isso fascinou minha mulher, que adora libertar as pessoas da sensação de culpa, e conversamos a respeito de nossa cultura, baseada na consciência do pecado e, portanto, na transgressão metafísica. Daria sustentava que a doutrina sobre o pecado era nossa maldição, visto que nos priva da liberdade e interpõe-se entre uma pessoa e outra e entre as pessoas e Deus. Minha mulher contestou um pouco, acreditava que a liberdade deve ser limitada por alguma lei interna; mas depois mudou a conversa para as crianças e a educação delas. Eu, porém, me concentrava cada vez menos no que estava sendo dito e prestava atenção em outra coisa: na voz silenciosa daquela outra mulher. Tinha a impressão de que ela se dirigia a mim e de que o fazia esperando que a ouvisse e compreendesse.

As sombras noturnas penetravam no aposento e eu tinha a impressão de que a luz restante convergia para a testa dela, de frente alta, que se assemelhava de modo surpreendente à de minha mulher. O estranho era que a luz não fenecia de modo simultâneo com o dia. Era como se emanasse dela, de uma chama que, sem dúvida, devia arder dentro dela, e parecia-me que aquela flama se dirigia em minha direção e entranhava-me com seu hálito quente.

Quando foi embora, era como se eu tivesse permanecido sob seu domínio. Lída disse que a escultora era uma mulher interessante e bondosa, e sugeriu que a convidássemos de

novo – deveria vir com o marido –, mas eu, seja por receio, seja pelo pressentimento de uma possível conspiração, não apoiei a ideia e mudei de assunto. Minha mulher foi então para seu quarto e em vão tentei trabalhar. Liguei o rádio, que transmitia certa música barroca tocada em órgão, mas a música não me acalmou, eu não conseguia entendê-la. Em vez disso, ouvia fragmentos incoerentes de sentenças; a litania, interpretada por uma voz estranha, impregnava-me feito o calor de um banho quente. Como, na verdade, era aquela voz? Procurei uma palavra adequada para descrevê-la. Não era nem intensa demais, nem agradável ou harmoniosa, tampouco colorida ou insinuante; fui incapaz de identificar por que me dominava.

Naquela noite, ao abraçar minha mulher, que estava gentil e calma ao fazermos amor, vagarosa como um rio estival no meio da planície, ouvi de novo aquela voz e encontrei a palavra correta para ela: ardente. Esforcei-me para repeli-la – em um momento tão inadequado –, mas não tive êxito.

Dobramos logo a esquina e afastávamo-nos de Vyšehrad outra vez. Ainda usava minha pá de carvoeiro para jogar no carrinho pedaços de papel, copos plásticos e caixas amarrotadas de fósforos, também joguei a cabeça de uma boneca, um tênis despedaçado, um tubo vazio, uma carta manchada, bem como pontas de cigarro – objetos dos mais variados no chão. Eu atirava o lixo todo na lata cinza no carrinho e, quando o cesto estava cheio, o capitão e eu, juntos, despejávamos no chão, onde o vento, cada vez mais forte, espalhava tudo de novo, mas isso nem importava: o lixo é, de qualquer modo, indestrutível.

O lixo é como a morte. O que mais é tão indestrutível? Nossos vizinhos da taberna tinham cinco filhos, o garoto mais jovem tinha o mesmo nome que eu e mais ou menos a mesma idade. Brincávamos juntos e sua amizade abriu-me as portas para as partes mais ocultas da taberna, como o porão, onde no período mais quente do verão eram estocados blocos de gelo volumosos e alvos e barris de cerveja gigantescos – ao menos assim me pareciam. Ou o estábulo, onde, apesar de os cavalos terem sido substituídos por uma carruagem típica de Praga, as paredes ainda fediam a urina e nele viviam gatos de cores e idades diversas.

O garoto adoeceu de difteria e morreu em uma semana. Com 5 anos, eu não entendia o significado da morte; meus pais não me levaram ao funeral. Vi apenas o dono da taberna vestido de preto e a mulher dele chorando, bem como os convidados enlutados, e ouvia a banda tocar marchas vagarosas.

Quando perguntei quando meu xará retornaria, mamãe, após um instante de hesitação, respondeu que não voltaria nunca mais, ele tinha ido embora. Desejei saber para onde, mas mamãe não respondeu nada. Porém a velha funcionária da estalagem, quando tomei coragem e perguntei, disse-me que sem dúvida ele havia ido para o paraíso. Sua pequena alma inocente estava morando entre flores naquele delicioso jardim, brincava com os anjos – porque cada um ali tinha seu próprio anjo – e, se me comportasse, eu e ele nos encontraríamos.

Cresci em um meio em que jamais se ouviu uma única prece, o único jardim que conhecia estava sob a janela e não havia anjos nele, embora os trens passassem ribombando no espaço além da cerca.

Eu queria descobrir mais a respeito do Jardim do Paraíso e das almas que lá moravam, mas mamãe desconversava e mandava eu falar com papai.

Meu compreensivo pai, eu sabia, inventara um motor para trens rápidos, como aqueles que passavam com estrondo sob nossa janela, bem como motores para aviões que trovejavam sobre nossa cabeça e por isso era muito estimado pelas pessoas, mas ficou estupefato com minha pergunta. Pegou-me pela mão, levou-me para fora e lá falou comigo por muito tempo: sobre a origem da Terra, os gases candentes e o resfriamento da matéria, a respeito de minúsculos átomos invisíveis que se moviam de maneira incessante em todos os lugares e em todas as coisas. São eles que compõem, na verdade, os montes de terra e pedras e os caminhos sobre os quais andamos e também nossas pernas que nos carregam. Caminhávamos pela linha do trem, passamos pelo ralo bosque suburbano e subimos até o aeroporto. Os trens então faziam ruído nas profundezas sob nossos pés, enquanto aviões militares bimotores zuniam sobre nossa cabeça. Papai contou-me que os homens sempre sofreram por estarem presos à terra, por não terem coragem e não saberem

abandoná-la. Ao menos sonhavam em libertar-se e, assim, inventaram o Jardim do Paraíso, que tem tudo aquilo pelo qual ansiavam e que faltava na vida deles; e inventaram criaturas que lhes são semelhantes, mas equipadas com asas. Aquilo, porém, que no passado fora apenas um sonho começava a materializar-se agora, disse meu pai, apontando para o céu claro. Anjos não existem, mas os homens podem voar. Não existe um jardim do paraíso onde as almas humanas possam habitar, mas um dia eu entenderia que era mais importante que os homens vivessem bem e prósperos aqui na Terra.

Embora eu não tenha compreendido direito o que papai me esclarecia, suas palavras causaram-me nostalgia, como se fosse uma ansiedade inexplicável, e comecei a chorar. Para me consolar, papai prometeu que no Dia da Aviação iria levar-me até o aeroporto, no domingo seguinte, e deixaria que sobrevoasse Praga em um avião.

No domingo seguinte, colocou-me de fato em uma aeronave barulhenta que deslizou aos solavancos sobre o gramado e, para meu espanto e terror, projetou-se no ar comigo, ganhou altura, deixando tudo no solo cada vez menor, até se encolher por completo. As pessoas eram a primeira coisa a desaparecer, depois os veículos puxados a cavalo e os carros e por fim as casas. Resoluto, fechei os olhos e vi-me em uma escuridão tronante que me envolvia. Naquele instante tive a visão de que nunca mais retornaria à Terra, a exemplo de meu xará que morrera.

Nada aconteceu então. Daria saiu e voltei para o meu trabalho. Escrevia contos a respeito de meus amores de juventude e invadiam-me recordações referentes a excitações de outrora. Ao olhar para o canto mais escuro de meu escritório, para a poltrona onde ela estivera sentada, foi como se as inquietações passadas comessem a ganhar corpo.

Saí e fui a uma cabine telefônica – o telefone do apartamento fora desconectado – e disquei o número dela. Passei a sentir uma excitação que poderia acontecer na minha idade apenas se aceitasse que aquele estado é permitido em qualquer idade, e perguntei-lhe como fora a exposição em Budapeste. Ouvi por um instante sua narração, que transcorreu entre fotografias e adegas de vinho, foi quando eu lhe disse algo sobre meu trabalho

e acrescentei que pensara a respeito de sua visita e que teria prazer em revê-la um dia daqueles. Mas não propus nada de concreto e ela apenas riu baixinho diante de minhas palavras. Ainda assim, aquela conversa perturbou-me e, em vez de voltar para casa, vaguei pelas ruazinhas próximas de onde morava e prossegui a conversa, que se tornava mais pessoal e fragmentada. Desabituara-me a ter esses diálogos ou colóquios em geral, perdera o hábito de trocar confidências com quem quer que fosse.

Vivi por dez anos em um exílio estranho, circundado de proibições, custodiado por vigias às vezes visíveis, outras vezes invisíveis ou apenas imaginários. Não podia ingressar na vida a não ser como convidado, ou ambulante, ou como um diarista em atividade selecionada. Ao longo daqueles anos, cresceu em mim uma ânsia de que algo acontecesse, algo que mudasse meu destino, ao mesmo tempo tomou força a inibição que herdei de mamãe, e assim receava qualquer mudança e todas as pessoas estranhas. Minha casa tornou-se tanto refúgio como jaula, eu desejava permanecer ali e também escapar dali; queria ter certeza de que não seria expulso e a esperança de que algum dia fugiria. Agarrei-me a meus filhos ou talvez necessitasse mais deles do que os pais precisam dos filhos. Necessitava igualmente de minha mulher. O mundo externo, do qual eu fora excluído, acercava-se de mim, e eu, dele, por intermédio daqueles que me eram mais próximos.

Não penso que a vida tenha sido mais fácil para qualquer um deles. As crianças, assim como eu fizera em minha infância, carregavam a marca de uma origem inadequada, e minha mulher gastava anos em busca de um trabalho decente de meio período. Cansada de ficar na fila em departamentos encarregados de proteger locais de trabalho contra os politicamente indesejáveis, ela aceitou o posto de pesquisadora de opinião para uma pesquisa sociológica qualquer. Por um salário que era mais humilhante do que incentivador, tinha de vasculhar os conjuntos residenciais e persuadir entrevistados relutantes ou alarmados a responder a suas perguntas. Ela não reclamava, mas às vezes ficava deprimida. No entanto, enchia-nos, as crianças e a mim, de reprovações por comportamentos ou ações que normalmente deixaria de lado.

Eu não precisava ir trabalhar. Quando todos saíam pela manhã, sentava-me à mesa, e pilhas de papel branco, a ilimitada extensão do dia e a profundidade do silêncio estendiam-se diante de mim. Nem o telefone podia tocar; os passos na casa soavam esporádicos e em geral eu tinha mais medo de encontrar visitas indesejadas do que bem-vindas.

Eu escrevia: durante horas, dias, semanas. Peças que nunca veria nos palcos, romances que jamais seriam publicados – ao menos não na língua em que foram escritos. Eu trabalhava, porém receava, ao mesmo tempo, que o silêncio que me cingia se apoderasse de mim também, imobilizasse minhas ideias, numblasse meus sentidos e embotasse minhas fabulações. Ficava sentado à mesa, percebia o peso das paredes, do teto e das coisas que poderiam atolar-me com a indiferença.

Esperava assim minha mulher e meus filhos retornarem. No instante em que seus passos nos degraus da escada calcavam o silêncio, eu percebia como recuperava a serenidade – não a serenidade do silêncio, mas da vida.

Eu sabia, sem dúvida, que os filhos em pouco tempo cresceriam e sairiam de casa, que o som de seus passos era provisório, mais provisório ainda que minha transitoriedade. Conversava com eles, desfrutava da companhia deles, percebia, no entanto, como se distanciavam, e sabia que não poderia opor-me a esse movimento, se não quisesse opor-me à vida.

Também observava minha mulher em busca de seu próprio espaço, a fim de fugir do entediante amortecimento do trabalho que precisava executar. Nas horas livres, decidira estudar para compreender o que significava a alma humana, para penetrar em seu segredo e encontrar assim uma maneira de ajudá-la quando sofria demais. Pareceu-me muita ousadia, mas eu sempre a via como pela primeira vez, bastante infantil e com pouca experiência de vida para lidar com semelhante empreendimento, mesmo assim a incentivei: cada pessoa segue na direção de onde ouve ao menos o indício de um chamado.

Também tomei meu próprio caminho. Ansiava menos pelo que me seduzia outrora, as coisas deixaram de excitar-me. Até pouco tempo antes eu colecionava mapas antigos e livros, e agora estavam empoeirados. Não me preocupava mais em

estar a par dos acontecimentos, saber quando começariam a melhorar as circunstâncias que poderiam, por assim dizer, me favorecer bastante. Comecei a buscar algo acima delas, algo que pudesse elevar nossa vida acima da esterilidade e do olvido, queria encontrar sozinho, não desejava aceitar revelações e imagens dos outros. Empenhava-me em demonstrá-lo, não devido a alguma espécie de orgulho, mas porque não se pode transmitir ou aprisionar em palavras o fundamental da vida, mesmo que as pessoas tratem de propagar o que acreditam ter descoberto, mesmo que eu próprio tente fazê-lo. Mas aquele que acredita ter encontrado o realmente eterno, que compartilha com os demais a essência divina e afirma ter descoberto a fé mais adequada, que compreendeu por fim o mistério da vida, é néscio ou louco e quase sempre perigoso.

Voltei tarde para casa e já à porta percebi a tensão que reinava ali. Minha filha estava sentada à mesa e, com atitude desafiadora, olhava a rua boquiaberta, minha mulher lavava a louça com mais barulho do que o necessário, o gravador de meu filho tocava canções de protesto.

Não desejava certificar-me das causas desse mal-estar, mas Lída desfez-se em queixas sobre nossos filhos, que eram indisciplinados e preguiçosos, e atribuiu-me a tarefa de intervir de algum modo.

Ocorreu-me que tudo o que eu poderia lhes dizer ela já dissera, e não tinha ânimo para fazer o serviço de manutenção. Fui para o quarto e tentei trabalhar, porém a casa ou eu mesmo estávamos saturados demais de ruídos perturbadores.

Percebi que levava muito tempo sem fazer nada além de ver passar os dias, desde que me levantava até me deitar, redigia histórias, mas minha própria história havia se estancado, não se desenvolvia, começava a desmoronar. Teria gostado de falar com minha mulher sobre isso, mas, quando finalmente à noite ficamos sozinhos, percebi seu desagrado, que me afastou dela de imediato. Perguntei-lhe se a magoara de algum modo. Ela respondeu que eu melindrava nossos filhos, pois me negava a educá-los, que era frouxo e condescendente com eles, que tolerava seus defeitos e buscava apenas ganhar-lhes a simpatia. Retruquei que ela estava sendo injusta comigo, mas Lída começou

um de seus discursos compostos de censuras, conselhos bem-intencionados e lições. De vez em quando, investia assim contra os filhos e contra mim, mas, tendo razão ou não, escolhia os momentos mais inadequados, quando as pessoas a quem dirigia seu discurso estavam menos dispostas a ouvi-la ou, ao contrário, elas próprias necessitavam expressar-se e serem ouvidas.

Já eram quase nove horas e nosso exército laranja descia pela rua Sinkulova em direção ao sistema de distribuição de água. A rua é de paralelepípedos e as rachaduras ao longo do meio-fio agrupam dentes-de-leão e todo tipo de ervas daninhas que ali criaram raízes. O rapaz com rosto de traços femininos arrancava-os com as mãos ou com o ancinho. E, ao inclinar-se em direção ao chão, seu rosto adquiria uma palidez enfermiga.

Carros estavam estacionados na calçada sob as árvores. Nosso grupo deteve-se junto à carcaça de um antigo Volga. O supervisor levantou o capô e comprovou com satisfação que durante a semana alguém levava o radiador.

Carro também é lixo, grande massa de destroços que cruza nosso caminho quase a cada passo.

Há quinze anos, quando viajei a uma cidade próxima a Detroit para a estreia de minha peça, o diretor da Ford convidou-me para almoçar. Sentados no terraço do último andar, ou, para ser mais exato, do arranha-céu da Ford, de onde se podia divisar a monstruosa metrópole industrial em cujas ruas havia um enxame de carros, em vez de mostrar interesse pelo último modelo de seus veículos (pergunta que teria encantado papai), perguntei-lhe como se desfaziam daqueles carros todos, uma vez cumprida sua missão. O diretor respondeu-me que isso não era difícil. Tudo o que se produzia podia desaparecer sem deixar rastro, tratava-se apenas de um problema técnico. Ele sorriu diante da ideia de um mundo limpo e vazio em sua totalidade. Quando terminamos o almoço, o diretor emprestou-me o automóvel e o motorista. Conduziram-me aos arredores da cidade, onde limusines amassadas e enferrujadas estavam estacionadas em um vasto espaço a perder de vista. Negros vestidos com macacões coloridos dedicavam-se a arrancar as entranhas dos carros com enormes tenazes, tiravam os pneus, as janelas e os assentos e em seguida as empurravam em direção a prensas

gigantescas que transformavam os veículos em pacotes de metal de medidas aceitáveis. Mesmo assim, os pacotes de metal não desaparecem do mundo, como tampouco desaparecem o vidro, os pneus ou o óleo usado, ainda que sejam incinerados em fornos, tampouco desaparecem os rios de gasolina durante viagens necessárias e desnecessárias. É provável que da chapa fundida se obtenham novos ferro e aço para novos carros, de modo que a partir do lixo criam-se novos resíduos; apenas se multiplicam. Se tornasse a encontrar o diretor tão seguro de si, eu diria: não, não é um problema técnico. O espírito das coisas mortas flutua sobre a terra e sobre as águas e seu hálito é funesto.

Durante a guerra, a sujeira oprimia-nos: no sentido literal e no figurado, precipitava-se sobre nós feito a morte e às vezes era difícil separar uma coisa da outra. Na mente de minha mãe ambas as coisas estavam unidas: morte e lixo – ela acreditava que a vida estava ligada à limpeza, no sentido literal e no figurado.

A guerra terminou, alegrávamo-nos pensando que viveríamos em paz e amor, mas minha mãe empenhou-se na limpeza, queria conhecer nossos pensamentos, horrorizava-se com nossos sapatos, mãos e palavras. Examinou nossa biblioteca e eliminou os livros que poderiam sujar nosso pensamento, comprou uma grande panela em que dia sim, dia não fervia nossa roupa. Ainda assim, nós lhe causávamos asco, ela mandava nos lavarmos de novo e só tocava em maçanetas e objetos alheios com luvas.

Durante a noite, eu a ouvia suspirar e choramingar. Chorava os familiares perdidos na guerra, mas também lamentava a sujeira do mundo onde precisava viver. Assim, em nossa casa reinavam a limpeza e a solidão. Papai quase não parava em casa, porque encontrara trabalho em Plzeň⁷ para respirar um pouco. Quando aparecia aos domingos, passava descalço pelo tapete de folhas de jornal e ia para seu escritório, mas aquele instante em que cruzava o saguão bastava para encher o local do cheiro sórdido que mamãe reconhecia como o de uma vagabunda desconhecida. Papai esforçava-se em vão para eliminá-lo, ajudava em vão a cobrir o tapete com folhas limpas de jornal.

7 Por vezes transcrita como Pilsen, hoje a quarta maior cidade da República Tcheca.

Eu pensava que um dia papai não voltaria mais, que ficaria com aquela desconhecida, com a amante malcheirosa; se tivesse feito isso, eu não poderia culpá-lo. Ele sempre voltava, certa vez tentou convencer-me de que eu não devia julgar mamãe, que ela era boa, mas doente, que nem todos reuniam força para sair ilesos de tudo que precisamos passar.

E prenderam papai de novo. O sofrimento que os outros lhe causavam desviava mamãe um pouco da dor que infligia a si própria.

Um veículo do serviço de esgotos passou por nosso grupo. Parou diante de nós, os ocupantes saudaram nosso supervisor e passaram a examinar a grade de drenagem mais próxima.

– O que estão procurando? – perguntei à sra. Vênus.

– Estão checando se a canalização não está entupida – explicou-me. – Não podemos jogar nada ali. Uma vez Jarda, esse aí – disse apontando o rapaz com rosto de traços femininos –, atirou restos de plantas. Naquele momento, passava o inspetor e multou-o em 50 coroas, que foram cobradas no ato. E o tempo todo eles surgem aqui, como os caçadores de ratos.

– Nem me fale de caçadores de ratos – interveio o supervisor. – Em Plzeň, as ratazanas que viviam debaixo do mata-douro enraivecera, subiam à noite pelos bueiros e corriam pelas ruas guinchando feito esquilos. Procuraram com desespero um caçador de ratos, estavam dispostos a pagar-lhe 20 mil pratas por mês, mas ninguém aceitava, porque era evidente, se um rato hidrófobo o mordesse estaria acabado! Tenho um amigo em Plzeň, dos tempos de paraquedista, que se irritou e disse: “Não vou me borrar por causa de um punhado de ratos nem a pau!”. Deram-lhe, então, uma roupa de escafandrista e uma lona de amianto emborrachado para que estivesse coberto caso os ratos o atacassem!

– E eles fariam isso? – admirei-me.

– Mas é claro, acabei de dizer que tinham raiva. O senhor persegue-os e eles, como não têm para onde fugir, se lançam contra o senhor. Nessa hora, o senhor se deita, se cobre com a lona e eles passam correndo por cima. O meu amigo fez isso, debaixo da lona não passava nada, mas, quando sentiu que passavam por cima dele, se borrou de medo.

Depois de alguns dias, ela fez-me saber por escrito que passaria em minha casa, anunciava dia e hora e dizia que esperava encontrar-me.

Apareceu, como prometido. Pela janela, viam-se nuvens de outono e a penumbra voltava a cobrir a sala. Ignoro se eu também irradiava algum brilho, a pessoa nunca percebe sua própria luz a não ser pelos olhos do outro, e isso em momentos de graça muito intensa. Mas é possível que ela tenha percebido algo em mim, caso contrário não teria desejado voltar a encontrar-se comigo, e não teria feito de modo voluntário a romaria que, em momentos de raiva, dizia não lhe causar nada além de sofrimento. Eu próprio ficava por vezes surpreendido por ela chegar tão perto de mim.

Nas primeiras semanas íamos ao campo, a bosques e parques. Ela conhecia o nome das plantas, inclusive das mais exóticas, bem como de onde provinham. Conduzia-me também a esses lugares, assim como pela terra dos khmers e ao longo do majestoso rio Ganges, a ruas sufocantes com multidões; levava-me também à selva e ao *ashram*⁸, para que eu pudesse ouvir o que um sábio guru dizia sobre uma vida reta. Falava-me de sua família, na qual havia industriais e professores do movimento de ressurgimento nacional e um andarilho que acabara se estabelecendo nas escarpas ocidentais dos Andes; de uma tia romântica que decidira morrer de fome quando perdeu o amante; um genial estudante de Direito, capaz de recitar de cor os Códigos, mas que um dia se fartara das leis e decidira dedicar-se à filosofia, pois ao comprovar, de maneira irrefutável, a esterilidade da conduta humana, sentara-se e redigira seu testamento filosófico: a felicidade, dizia, nada mais era que um sonho, e a vida, uma corrente de sofrimentos; suicidou-se com um tiro na cabeça sobre o manuscrito, de tal modo que o sangue que escorria do ferimento pôs alguns pontos-finais em seu testamento.

Todos na família paterna, explicava, tinham um toque de genialidade, vontade inflexível e clarividência – especialmente o pai. Mencionava-o com frequência e eu, que nunca o vira,

8 Do sânscrito *aashraya*, significa “proteção”. Na Índia antiga, designava o local em que os sábios viviam, no meio da natureza.

pensava no meu, não por ser também engenheiro, mas por ser forte, saudável e saber divertir-se, quando decidia levantar de sua mesa de trabalho.

Eu teria gostado de contar algo parecido a respeito de meus antepassados, porém desconhecia a vida deles. Sabia que alguns vieram de longe, mas ignorava quando, se duzentos ou mil anos antes. Suponho até que sabiam ler, embora empregassem um alfabeto diferente do meu e rezassem em uma língua da qual não compreendo uma palavra. Não sei do que viviam. Ambas as minhas avós vieram a Praga e tentaram fazer negócios, porém sem êxito. Meus avôs também eram do campo. O pai de meu pai estudou química e trabalhou como engenheiro em uma refinaria de açúcar na parte húngara do império. Quando meu pai tinha 11 anos, meu avô caiu embaixo de um arado puxado por uma corda e a lesão foi fatal. O pai de minha mãe, por sua vez, chegou a uma idade venerável, trabalhou em um tribunal como escriturário e, aos 80 anos, viveu a experiência da Segunda Grande Guerra, ficou marcado à vista de todos e foi deportado para o gueto. Tampouco sobre esse ancião de bigode grisalho, um pouco amarelado pelo tabaco, eu era capaz de contar algo notável, com exceção de que, à diferença de seus antepassados, que acreditavam obstinados na chegada do Messias, ele fixara suas esperanças na miragem da revolução socialista. Essa ilusão ajudou-o a sobreviver às adversidades do destino e à morte da esposa, à perda da casa, à humilhação, à fome e aos sofrimentos da prisão. Nesse lugar inóspito, fazia sermões a quem desejasse ouvi-lo e, com frequência cada vez maior, o único disposto a escutá-lo era eu. Instigava-me a não acreditar em um deus inventado pelos homens, um deus de senhores que haviam enganado os pobres para que suportassem melhor o peso do destino. À medida que envelhecia, seus discursos foram se tornando uma litania, uma oração monótona que eu sabia de cor e que não desejava ouvir mais. Certa noite em que todos dormiam, despertei com um murmúrio estranho procedente do quarto em que meu avô dormia. Reconheci a voz do velho e a entonação lastimosa de uma prece pronunciada em uma língua que ele ainda conhecia e da qual eu não entendia nada, uma prece que se dirigia a Deus. Paralisado, escutei com

assombro aquela voz que parecia vir de muito longe, de tempos ancestrais. Compreendi então, pela primeira vez, que o fundo da alma humana é inescrutável.

O pai dela abandonava de vez em quando a prancha de desenho e ia passear pelas montanhas e fazer escaladas em rochedos. Ele a levava e ensinava a não ter medo de altura. Papai passeava apenas pelas montanhas de números em que os fantasmas de seus motores se convertiam. Carregava seus cálculos inclusive quando saíamos de férias e esquecia-se de todos nós assim que lhe ocorria como resolver um problema, o que era constante. Mais tarde, ao reparar em nós na hora do jantar ou fora, sentado sob a janela, perguntava-nos, surpreso, de onde tínhamos aparecido. Havia sido desterrado de seu mundo com violência, vestiram-no com uniforme de presidiário e prenderam-no atrás de cercas eletrificadas, projetadas por meio de cálculos simples. Concentrou, nessa época, toda a vontade e todas as forças para sobreviver, para sobreviver com dignidade e poder voltar à sua amada terra. Como pude comprovar depois, além de números e máquinas, meu pai adorava também mulheres belas e visões socialistas de um mundo melhor. E, como todo homem apaixonado, depositava no objeto de sua adoração esperanças enganosas e excessivas.

– Você acredita que todo amor traz falsas esperanças? – ela me perguntou.

Compreendi que se referia a nós dois e não ousei dizer sim, embora não pudesse ver nenhuma razão para sermos exceções.

– Isto é como a autópsia nos cemitérios – disse a sra. Vênus. – Quando quiseram removê-lo e precisavam desenterrar os cadáveres, ofereceram 100 coroas por hora e uma garrafa de rum ao dia, e mesmo assim todo mundo dizia onde eles podiam enfiar aquilo. Precisaram mandar presos e não lhes pagaram nada! – Parou, relaxou, encostou a pá na parede e acendeu um cigarro. – Cadáveres! Há nesses corpos um veneno que atravessa até as luvas de borracha e, quando entra no seu sangue, você vai encontrar os anjinhos. – Enquanto saboreava o cigarro, lançava olhares para a frente e para trás, em direção a um lugar que apenas ela podia ver. Se a tivesse conhecido alguns anos antes, estou certo de que teria procurado guardar suas palavras, de

que teria corrido para anotá-las, a fim de conservar sua forma de falar com a maior fidelidade possível. Antes, acreditava que tudo o que via e gravava em minha memória poderia ser útil para alguma história. Agora, faz tempo que sei que é improvável que encontre uma história que não seja a minha própria. A gente não pode se apropriar da vida alheia e, ainda que conseguisse, não encontraria uma narrativa nova. No mundo, vivem quase 5 bilhões de pessoas, cada uma delas acredita que sua vida daria pelo menos uma história. Essa ideia produz vertigem. Se aparecesse, ou melhor, se fosse produzido um escritor capaz de gravar 5 bilhões de histórias e eliminar delas tudo o que tivessem em comum, o que restaria? De cada vida, uma frase apenas, um instante que seria como uma gota de água no oceano, um momento irrepetível de angústia ou um encontro, um momento de contemplação ou dor – mas quem reconheceria essa gota, quem saberia separá-la da enxurrada do mar? Para que deveriam ser inventadas novas histórias?

Uma vez, em lágrimas, Daria acusou-me de encará-la como um besouro que eu tivesse espetado em um alfinete a fim de descrevê-lo melhor. Contudo equivocava-se, em sua presença eu esquecia que desejara inventar alguma história, e se a observava de perto era porque pretendia compreender a língua em que falava comigo, quando permanecia em silêncio.

– Passei meus apuros com os cadáveres. Uma vez consegui um trabalho ali embaixo – disse a sra. Vênus apontando o Instituto de Patologia –, sob as muralhas de Vyšehrad. Todos os corpos que chegavam tinham sido esfaqueados ou picotados. Fui parar nesse lugar por indicação de uma amiga, era um trabalho com um pagamento extra pela periculosidade, ela me disse, mas no fim pagaram uma ninharia. Fiquei só porque o velho que abria os corpos era louco por cadáveres. “Zoulová”, dizia-me, “a senhora tem uns bracinhos, examinaria com muito gosto o seu úmero”. – E a sra. Vênus estendeu os braços: eram de fato longos e finos.

Sentia que me embriagava o cheiro enjoativo da decomposição. Ao começar a trabalhar no instituto, meu colega não quis privar-se do prazer de levar-me no primeiro dia ao necrotério, onde mostrou os cadáveres que havia em cima das mesas, no

chão e na câmara frigorífica, ficou observando-me de relance à espera de que eu empalidecesse e saísse pela porta correndo, mas eu estava acostumado com mortos desde a infância, habituado a tal quantidade de mortos de modo que aquele punhado de cadáveres, alguns inclusive trajados com roupas elegantes, não me assustou nem fez meu estômago revirar.

Agora me lembrava não só da sala de azulejos, mas também, com a precisão de um sonho, da mesa ampla sobre a qual jazia papai.

Meu pai estava muito doente, a enfermidade consumia-o por dentro, ele, que sempre havia sido forte e gozava de uma saúde de ferro, a duras penas mal conseguia sustentar uma pena entre os dedos. Ao lançar um olhar sobre seu manuscrito, que, como sempre, era um formigueiro de cifras e fórmulas que eu não entendia, observei que os números estavam tão tremidos que mal consegui ler. Ao vê-los, a tristeza invadiu-me. Sabia que fazia anos que não publicava seus cálculos, mesmo que lhe pedissem, porém sabia que as cifras sinalizavam o caminho em direção a um conhecimento que, para ele, era a vida. Ao ver aquela letra, compreendi que a vida de papai começava a apagar-se e que os números se dispunham a empreender com ele o caminho sem números.

Gostaria de ter conseguido afugentar essa recordação sombria, mas, por mais que focalizasse meu carrinho de mão, o rosto imóvel de papai permanecia diante de mim. De que servem as más experiências? Pode-se se inclinar com humildade em face do inevitável, sentir-se abatido quando se intui que a morte se aproxima dos entes mais queridos.

Todavia, reforcei-me com a ideia de que papai, que vencera tantas batalhas na vida, não sucumbiria naquela ocasião.

Aquela vez que o avião aterrissou, papai precisou tirar-me do aparelho. Eu tremia e soluçava, negava-me a olhar para o céu, onde os atrevidos pilotos-acrobatas executavam cambalhotas, serpenteavam até as nuvens e mergulhavam abruptamente na direção do telhado dos hangares. Papai me levantou e me pôs sobre os ombros. Ele não disse: coitadinho, nem me repreendeu, mas carregou-me nos ombros e ia mostrando os trens que passavam a nossos pés soltando chispas, ao mesmo

tempo que dizia o nome deles como se fossem parentes ou filhos. Levou-me assim até a pequena ponte de madeira que se arqueava sobre a via férrea e deixou que eu cuspsisse na chaminé da primeira locomotiva que passou embaixo. Quando veio uma que soltava chispas e fumaça, ele mesmo inclinou-se sobre o parapeito para dar o exemplo e o jorro potente de vapor e fumaça que saía da chaminé arrancara-lhe o chapéu. Em seguida, observamos impotentes como o chapéu desceu e acabou pousando em um monte de carvão em um dos vagões e perdeu-se na distância. Papai sorriu e disse que seu chapéu também era acrobata, e eu, contemplando entusiasmado como desaparecia, esqueci o pavor provocado pelo voo.

Na mesma noite, papai voltou para casa com seu chapéu enegrecido de fuligem, sabe-se lá onde o achara, e para minha diversão transformou-o em um chapéu-coco que logo pôs para fazer o papel de palhaço, imitando Chaplin. Ele gostava de entreter as pessoas e, quando ria, ria desenfreado, com todo o seu ser. Sabia rir daquilo de que as pessoas riem, mas também do que as desesperava ou aborrecia. Muitas vezes eu quis divertir-me da mesma maneira, alegre e relaxado, mas carecia da força, da espontaneidade e da concentração de papai.

A sra. Vênus jogou uma pazada de lixo em meu carrinho de mão.

– Sabe quantas pessoas passaram pela mesa dele?

Eu não sabia e ela respondeu em tom vitorioso:

– Cinquenta mil!

– Isso não – interveio o juvenzinho atrás de mim –, não venha com histórias. Seriam vários regimentos!

– É assim, Jaroušek. E todos mortos por morte violenta! –

A sra. Vênus riu como se tivesse dito algo muito divertido.

Então, dias antes do Natal, fizemos amor pela primeira vez, sob o telhado de uma casa barroca, em um sótão com janelas pequenas e paredes grossas. No outro lado da rua, em frente, erguia-se o muro de um palácio com enormes janelas de duas folhas em cujas cornijas descansavam pombos transidos de frio. O local recendia a óleo com ligeiro cheiro de gás e continuava na penumbra inclusive ao meio-dia. Além disso, a estátua de Estêvão, o Mártir, tapava as janelas. A restauração da estátua estava

quase terminada, mas Daria abandonara o trabalho, incomodava-a que suas mãos tivessem de seguir diretrizes alheias.

Eu desejava que ela gostasse de fazer amor comigo, estava tão obcecado por essa ideia que tremia de ansiedade, e ela também tremia. Tinha em casa marido e uma filha, e aconchegava-se agora em meus braços e desejava ser levada a um lugar do qual não havia retorno. Carreguei-a e percebi que a cada passo pesava um pouco mais, que a aguentava a duras penas. Eu tinha medo, assustava-nos a ambos o desejo que sentíamos um pelo outro. A cama, enorme e sensacional, rangia a cada movimento e tratávamos de abafar os rangidos sussurrando palavras cheias de ternura. Olhávamos o rosto um do outro e surpreendia-me como sua face se transformava, como se adocicava e adotava uma expressão antiga, ancestral. Quem sabe fosse o rosto esquecido de minha mãe ou a lembrança de minhas primeiras imagens, minhas primeiras fantasias a respeito da mulher a quem um dia haveria de amar.

Voltei para casa de noite e deitei-me ao lado de minha mulher. Ela não desconfiava de nada, aconchegou-se em mim e adormeceu. Confiante como uma criança. Quando fechei os olhos, dei-me conta de que o sono me abandonara. Ouvia o trinado de um pássaro no jardim, os trens zuniam ao longe e, diante de mim, como a lua em plena escuridão, erguia-se o rosto daquela outra: serena, bela, oculta em mim desde sempre e por vezes imóvel como o rosto de suas esculturas, observava-me assim, suspensa no espaço, fora do tempo e de todas as coisas, e senti saudade, angústia, desejo e tristeza.

Nevou muito naquele inverno. Ela acompanhava a filha à aula de piano e eu caminhava atrás delas sem que a menina notasse. Ia afundando na neve recém-caída, porque não olhava onde pisava, só olhava para ela, caminhando; em seu modo de caminhar sempre havia uma pressa mal oculta, talvez o afã de viver. Ela segurava a filhinha pela mão e apenas de vez em quando lançava um olhar fugaz para trás – eu percebia seu amor inclusive àquela distância.

Outro dia passeamos por uma planície nevada perto da cidade, a nossos pés havia uma granja abandonada e um bosque, acima de nós, o céu gelado sob um baldaquino de névoa.

Paramos e ela, de costas, apoiou-se em mim. Abracei-a – na cintura, salientada pela jaqueta de couro – e sentimo-nos de pronto transportados para a eternidade, despojados do tempo, de medos, de alegrias, do frio e do soprar do vento, e ela disse em voz baixa: É possível que nos amemos tanto?

Crianças patinavam sobre o lago como em uma tela de Bruegel. A taverna estava quase vazia, o fogo crepitava na lareira imensa, em um quadro pendurado na parede uma fazenda ardia e valentes bombeiros lutavam contra o fogo. A taverneira trouxe-nos uns destilados, depois girou um botão e o incêndio do quadro iluminou-se por trás com chamas rubras.

Daria alegrou-se feito criança: Tanto fogo, e ainda por cima nós dois!

Sinto de verdade o calor que me banha, sinto-o por dentro também, sinto-me como um grão na primavera, sinto que estou desabrochando, que estou abrindo em direção à luz.

Ela adivinha e diz:

– Você vai ver como, a partir de agora, conseguirá tudo o que quer!

– Por que pensa isso?

– Porque você agora começa a viver de verdade.

Ela crê que até então eu não vivera. Que estava preso, o gelo invadia meu corpo, do manancial em mim brotavam apenas algumas gotas frias. Disse ainda: Você viveu somente com a cabeça, mas o que você faz não pode ser feito apenas com a cabeça. Podemos dominar com a cabeça alguns motores, quem sabe. Promete que me ensinará a escutar as vozes ocultas.

Quero saber o que eu ensinarei a ela.

Limitar-se-á a escutá-las comigo. Logo diz: Vou escutar você; não preciso aprender nada, preciso estar com você!

A taverneira apagou o quadro luminoso, saímos no frio do entardecer. Antes de nos separarmos, beijamo-nos; beijávamo-nos como se não houvesse nada diante de nós nem atrás de nós, como se quiséssemos enclausurar nossa vida nesses beijos. E ela pergunta-me: Você já amou alguém de verdade?

É claro que ela não quer ouvir falar de minha mulher, de meus filhos nem de papai, não quer ouvir falar de ninguém vivo, quer ouvir que só a ela amo de verdade. Talvez ela me engane,

talvez seja fruto da angústia, ela surpreende-se que me despeça dela, que vá a outros lugares; teme que a traia, intui em mim lugares que a assustam.

Minha mulher também intuía em súbitos acessos de tristeza, queixava-se de que eu não conseguira entregar-me a ela, que minha alma sofrera trauma do qual nunca me recuperei porque na infância a morte me cercara de modo constante. Como são os sentimentos de alguém em lugares onde a morte sobrevoa de modo mais frequente que os pássaros?

No gueto havia muitas meninas com as quais eu me encontrava e conversava, quando tinha apenas 12 anos. Em meio àquele horror, como poderia pensar que houvesse algo que afugentasse o medo, se guardas armados nos vigiavam, fome e deportações perduravam?

Só a levaram no começo de 1943, encontrei-a apavorada em um dos corredores transversais de nosso alojamento – estava perdida. Perguntou-me o caminho e eu, veterano, levei-a ao local que lhe havia sido designado.

Enquanto andávamos, ela contou de onde era, que não tinha pai e que estava com medo ali.

Consolei-a, dizendo que não devia ter medo, que ali era possível viver – apesar de tudo, se desejasse, eu a protegeria.

Ela disse-me que jamais esqueceria aquilo.

No dia seguinte fui buscá-la e apresentei-lhe meus amigos; nenhum deles lhe faria mal, não precisava protegê-la deles, mas percebi que ela pensava diferente, precisava de minha presença, sentia-se mais segura comigo. Tinha a minha idade, distinguia-se das demais meninas por ter cabelos loiros, da cor do centeio ou do trigo. Nunca ficamos a sós, estávamos sempre em companhia de nossos amigos, embora sempre estivesse o mais próximo possível dela, trocávamos os poucos livros que tínhamos, não nos atrevemos a nada mais, eu não me atrevi a nada mais; e de repente tudo mudou, a vida começou a transcorrer entre marcos diferentes, não entre a manhã e a noite, não de uma refeição a outra, mas de um encontro a outro. Acabou o sal no gueto, as batatas eram negras e podres, o pão, mofado, nada disso me importava, nem que tinham levado meu avô ao hospital do campo e suspeitávamos que não voltaria mais, mas eu

mal percebia isso. Os corredores do quartel estavam sempre tão cheios, esvaziavam-se, se ela estava a meu lado, o espaço diminuto que nos fora dado alargava-se ou encerrava-se em si mesmo e tornava-se infinito.

Eu tinha alguns lápis de cor e folhas de papel em branco, uma noite tentei desenhar seu rosto de memória, mas não consegui. Ocorreu-me que poderia escrever-lhe um poema e garatujei um par de versos que se referiam mais a fenômenos climáticos que aos meus sentimentos, e entreguei-lhe.

Ela disse que gostou e esculpiu um bonequinho sorridente em uma castanha. Pendurei-o no meu beliche, acima de minha cabeça, assim podia contemplá-lo um instante antes de adormecer. Naquela época, passava mais tempo com ela, socorria-a sempre que um perigo a ameaçava. Carregava-a nos braços para fora da masmorra em que a enfiaram nua para torturá-la e conseguia chegar até ela disfarçado, noite após noite repetia minhas devotadas e viris façanhas até adormecer.

Ela levou de casa uma xícara de porcelana quase translúcida e decorada com dragões e flores. Serviu-me nela várias vezes um chá de ervas, bebíamos ambos da mesma xícara, ela com ar solene. Um dia, como não poderia deixar de ser naquele tumulto e desordem constantes, alguém atirou a xícara no chão. Quando ela se pôs a chorar, pedi-lhe os fragmentos de porcelana, coloquei-os com cuidado no fogão aquecido e observei o que acontecia. O fogo parecia consumi-los, os fragmentos de porcelana ardiem em suas próprias chamas, mas quando retirei as cinzas encontrei-os inalterados, algo chamuscados, porém intactos. Retirei-os das cinzas, limpei com cuidado, fiquei com um dos pedaços, devolvi-lhe os outros, sentia por eles uma espécie de afeto, admiração, por terem sobrevivido à queda, ao fogo e ao calor. Precisamos de ajuda; que um dia nos também desenterrem intactos das cinzas.

Em minhas fantasias, defendia-a de todos os males, mas não pude salvá-la. Chamaram-na para o transporte, chamaram quase todos os moradores de nossos alojamentos.

Ela saiu correndo daquele lugar cheio de confusão e lamento, para onde se mudaram e lotaram os miseráveis apartamentos da prisão com uma pressa desesperançada; ela tinha apenas um